

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA,
ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o | s | e | s | p |

Orquestra
Sinfônica do
Estado de
São Paulo

Temporada 2024
Osesp 70 anos

7, 8 e 9
de março

7 DE MARÇO, QUINTA-FEIRA, 20H30
8 DE MARÇO, SEXTA-FEIRA, 20H30
9 DE MARÇO, SÁBADO, 16H30

ABERTURA DA TEMPORADA

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO - OSESP
CORO DA OSESP

THIERRY FISCHER REGENTE

SUSANNE BERNHARD SOPRANO

LUISA FRANCESCONI MEZZO SOPRANO

WERNER GÜRA TENOR

PAULO SZOT BARÍTONO

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]

Missa em Dó maior, Op. 86 [1807]

1. Kyrie. Andante con moto assai vivace quasi allegretto ma non troppo

2. Gloria. Allegro

Qui tollis peccata mundi. Andante mosso

Quoniam tu solus sanctus. Allegro ma non troppo

3. Credo. Allegro con brio

Et incarnatus est. Adagio

Et resurrexit. Allegro ma non troppo

Et vitam venturi saeculi. Vivace

4. Sanctus. Adagio

Pleni sunt caeli. Allegro

Benedictus. Allegretto ma non troppo

Osanna. Allegro

5. Agnus Dei. Poco Andante

Dona nobis pacem. Allegro ma non troppo

Andante con moto, Tempo del Kyrie

43 MINUTOS

INTERVALO DE 20 MINUTOS

JOHANNES BRAHMS [1833-1897] **CICLO BRAHMS**

Sinfonia nº 1 em dó menor, Op. 68 [1876]

1. Un poco sostenuto. Allegro. Meno allegro

2. Andante sostenuto

3. Un poco allegretto e grazioso

4. Adagio. Più andante. Allegro non troppo, ma con brio. Più allegro

45 MINUTOS

LUDWIG VAN BEETHOVEN BONN, ALEMANHA, 1770 - VIENA, ÁUSTRIA, 1827

Missa em Dó maior, Op. 86 [1807]

Orquestração: 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 2 trompas, 2 trompetes, tímpanos, órgão e cordas.

JOHANNES BRAHMS HAMBURGO, ALEMANHA, 1833 - VIENA, ÁUSTRIA, 1897

Sinfonia nº 1 em dó menor, Op. 68 [1876]

Orquestração: 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, tímpanos e cordas.

A família Esterházy se notabilizou por exercer grande influência sobre a cultura europeia, tendo a seu serviço os melhores músicos de sua época. Seu principal contratado no século XVIII foi Joseph Haydn, que produziu para eles um número impressionante de obras-primas. Entre essas estavam seis missas, escritas a partir de 1795, uma por ano, para o onomástico da princesa Maria von Liechtenstein. Com a aposentadoria de Haydn, o príncipe Nikolaus resolveu encomendar novas missas anuais a compositores destacados. Em 1807, essa honra coube a Beethoven.

Muitas obras começam a sua existência sob uma névoa de fracasso e incompreensão, para ter uma sobrevida triunfante. Se existe um exemplo paradigmático desse caso, esse é o da *Missa em Dó maior*. O compositor já era aclamado, tendo no ano anterior escrito obras de mérito indiscutível: o *Concerto para piano nº 4 em Sol maior*, Op. 58, os *Quartetos Razumovsky*, Op. 59, a *Sinfonia nº 4 em Si bemol maior*, Op. 60, o *Concerto para violino em Ré maior*, Op. 61, a *Abertura Coriolano*, Op. 62, as *32 variações sobre um tema original em dó menor*, WoO 80, e a *Sonata appassionata*, Op. 57, para piano. Estava, portanto, no auge da forma. Ainda assim, a responsabilidade de seguir os passos de seu antigo professor o deixou inseguro, levando-o a escrever para o príncipe, expressando seus temores. Mas nem ele mesmo poderia esperar que a recepção à sua missa fosse tão fria.

As circunstâncias se somaram para tal resultado. Com o hábito de procrastinar, entregou o material um tanto em cima da hora. Em Eisenstadt, encontrou músicos destituídos de boa vontade, e o mestre do coro, Johann Nepomuk Hummel — que no ano anterior havia escrito para o príncipe uma missa na mesma

tonalidade —, aproveitou-se da situação e liderou uma revolta entre os cantores, que não se esforçaram para entender e transmitir o belo material que tinham em mãos. Vários deles simplesmente não compareceram aos ensaios, que foram insuficientes e atabalhoados, conduzidos de maneira desastrosa por Beethoven, que, já sofrendo da doença que viria a deixá-lo surdo, estava no ápice do mau humor.

Além desses contratemplos, parte do problema foi que o compositor, apesar de admirar as obras de Haydn, que estudara com afinco, não estava interessado em repetir fórmulas bem-sucedidas. Antes, pretendia criar um novo conceito de missa, mais ligado ao texto, como se este fosse um libreto de ópera e não uma estrutura fixa. Assim, seguiu padrões clássicos, mas os infundiu com um espírito definitivamente romântico, dramático e revolucionário. Há muitas novidades na escrita. A *Missa em Dó maior* utiliza diversos recursos de expressão, como a pintura de palavras (em que elementos musicais reforçam o conteúdo emocional do texto). Em vez de árias para solistas alternadas com partes corais, como era costume, tem movimentos que são blocos sólidos, cada qual com um caráter, como movimentos de sinfonias. Na maior parte do tempo, as vozes solistas são usadas em quarteto, em oposição ao coro e à orquestra. Há um crescendo vigoroso no “Credo”, ao passo que o “Kyrie” se inicia com as vozes de baixo desacompanhadas. No “Agnus Dei”, que se divide em luz e sombra, o retorno do tema luminoso do “Kyrie” parece ser a resposta a uma súplica.

¹ O cantochão, também conhecido como canto gregoriano, é um estilo de música sacra vocal monofônica que se desenvolveu na Igreja Católica Romana durante a Idade Média, caracterizado por linhas melódicas simples, sem harmonia e sem acompanhamento instrumental.

As reverências ao passado (como trechos em cantochão¹ no coro) convivem com referências ao presente, como os acenos ao *bel canto*: o tratamento do quarteto solista no “Qui Tollis” é definitivamente operístico. Certas tradições são observadas, mas de maneira distorcida: as fugas breves comuns no “Gloria” e no “Credo” são estendidas e roubam o protagonismo. Convenções são contrariadas: momentos em que normalmente o público esperaria a exibição de força e o louvor da glória divina nos surpreendem com um clima fúnebre e interiorizado.

Na estreia, a missa desagradou a gregos e troianos. E, pior do que isso, desapontou o príncipe, que confessou à amiga Condessa Ziehlinska que a considerara “insuportavelmente ridícula e detestável”. Ao compositor, Nikolaus não chegou a ser tão enfático, mas manifestou opinião negativa. Beethoven se sentiu humilhado e irritado, e quando finalmente publicou a peça, em 1812, dedicou-a ao príncipe Ferdinand Kinsky.

Nada como um dia depois do outro. Esterházy e seus convidados estavam errados. Apesar da estreia tão infeliz e depois de ter passado muito tempo eclipsada pela mais ambiciosa *Missa Solemnis*, Op. 123, a *Missa em Dó maior* recebeu da posteridade um inequívoco desagravo: seu caráter mais introspectivo foi se constituindo como virtude, e não defeito; passou a ser considerada uma verdadeira ponte entre o período clássico e o romântico; e tem sido cada vez mais executada e apreciada.

Se Beethoven estava apreensivo por ter atrás de si a sombra do mestre Haydn, a sua própria estatura quase paralisou Brahms, que aos 21 anos sofreu o impacto de ouvir sua *Sinfonia nº 9 em ré menor*, Op. 125. Ainda sob o efeito dessa experiência, Brahms tentou escrever uma sinfonia na mesma tonalidade. Não conseguiu. Acabou aproveitando em outras obras os trechos rascunhados. O excesso de autocrítica o impedia de ir adiante. Os anos passaram, e Brahms, já um compositor reconhecido e publicado, ainda hesitava em se lançar na aventura de compor uma sinfonia, forma dominada e cristalizada por Beethoven. Chegou a desabafar com o amigo, o maestro Hermann Levi: “jamais escreverei uma sinfonia! Você não tem ideia do que é ouvir um gigante desses marchando atrás de você”. Por sorte (e graças à pressão de seus amigos e de seu editor), ele mudou de ideia. Ainda assim, levou 14 anos escrevendo e reescrevendo a *Primeira Sinfonia*, e foi apenas depois de receber a aprovação dos colegas que teve coragem de torná-la pública, 20 anos depois de seus primeiros esboços sinfônicos.

O tenso primeiro movimento, na inquietante tonalidade de dó menor, com os tímpanos ameaçadores, é cheio de referências a Beethoven (inclusive a tonalidade é a mesma que a da *Quinta Sinfonia* do mestre) e, assim como seus modelos, utiliza motivos breves que são tecidos e entretecidos tão habilmente que parecem feitos de um novelo interminável. Privilegia a região mais grave dos instrumentos, criando uma sonoridade escura e expectante. O uso de manipulações rítmicas — hemíolas, síncope e quiálteras — adiciona um sentido de urgência. O efeito é de uma beleza quase sufocante. Essa introdução desemboca num “Allegro” anunciado por um solo de oboé elegíaco e esperançoso, que se desenvolve com grande lirismo, aliviando um pouco a sensação de implacabilidade do destino. O “Andante sostenuto” é de uma ternura e uma aparente naturalidade comovedoras, permitindo que flauta, trompa e violino se sobressaíam em solos de tocante beleza. No “Allegretto” seguinte, o clima de cordialidade continua: os naipes da orquestra entabulam uma conversa tranquila e despreocupada,

que se inicia com a clarineta e termina em um inusitado dueto entre violino e trompa (instrumento que mereceu de Brahms alguns dos momentos mais belos de seu repertório). No épico *finale*, agora na triunfante tonalidade de Dó maior, a tensão do início retorna, com *pizzicati* misteriosos, suspiros de síncope e tímpanos aflitos, até que novamente trompas e trombones são chamados a contribuir, dessa vez com uma expansividade que anuncia aceitação, vitória e júbilo. O tema derradeiro, quase um hino coral, parece citar a indefectível *Ode à alegria*, de Beethoven.

Curiosamente, Brahms estava nervoso pela responsabilidade de fazer jus a seu ídolo, mas uma das poucas críticas que recebeu por sua estreia no campo sinfônico foi justamente a de ser beethoviano demais. O maestro e pianista Hans von Bülow, por exemplo, apelidou a *Sinfonia nº 1* de “a 10ª sinfonia de Beethoven”. O fato é que a obra foi muito bem recebida. Eduard Hanslick, crítico importante da época, afirmou que até um leigo reconheceria na composição “uma das mais distintas e magníficas obras da literatura sinfônica”. O público esperava há muitos anos que o compositor consagrado por seus pares produzisse uma sinfonia, tanto mais que ele já havia demonstrado enorme competência no poderoso *Um Réquiem alemão*, Op. 45, e nas refinadíssimas *Variações sobre um tema de Haydn*, Op. 56a. Havia um clima de expectativa positiva circundando o surgimento da obra, e ela foi abraçada por todos como o grande marco que de fato é.

O próprio Brahms foi o crítico que se mostrou menos generoso com a peça, declarando que “minha sinfonia é longa demais e não exatamente adorável”. De fato, ela é longa, e não procura conquistar pelo charme fácil. Porém, é repleta de profunda emoção e, ainda que desde a sua origem homenageie Beethoven, é totalmente original em sua expressividade, com uma *gravitas* e uma calidez que são características de Brahms e engajam de imediato o ouvido e a alma em igual proporção. Depois dessa sinfonia, o gênero, que parecia ter se esgotado com Beethoven, tomou novo fôlego. O caminho aberto por Brahms, ao mesmo tempo respeitoso e inovador, parece ter acendido uma nova centelha, que inspiraria e desafiaria compositores de várias gerações.

LAURA RÓNAI

Doutora em música e flautista. Professora titular da Unirio, é chefe do Departamento de Canto e Instrumentos de Sopro e diretora da Orquestra Barroca. Foi colaboradora das revistas *Early Music America*, *Flute Talk*, *Goldberg* e *Fanfare*.

Revisão crítica dos textos: **Igor Reis Reyner**.



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

A Osesp é um dos grupos sinfônicos mais expressivos da América Latina. Com 13 turnês internacionais e quatro turnês nacionais realizadas, uma centena de álbuns gravados e uma média de 120 apresentações por temporada, vem alterando a paisagem musical do país e pavimentando uma sólida trajetória dentro e fora do Brasil, obtendo o reconhecimento de revistas especializadas, como *Gramophone* e *Diapason*, e relevantes prêmios, como o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Clássica de 2007. A Osesp se destacou ao participar de três dos mais importantes festivais de verão europeus, em 2016, ao se tornar a primeira orquestra profissional latino-americana a se apresentar em turnê pela China, em 2019, e ao estreiar, em 2022, no Carnegie Hall, em Nova York, na série oficial de assinatura da casa. Desde 2020, Thierry Fischer ocupa os cargos de diretor musical e regente titular, antes ocupados por Marin Alsop [2012–19], Yan Pascal Tortelier [2010–11], John Neschling [1997–2009], Eleazar de Carvalho [1973–96], Bruno Roccella [1963–67] e Souza Lima [1953]. A Osesp também abrange corpos artísticos e projetos sociais e de formação, como os Coros Sinfônico, Juvenil e Infantil, a Academia de Música, o Selo Digital, a Editora da Osesp e o Descubra a Orquestra. Fundada em 1954, a Orquestra passou por reestruturação entre 1997–99, e, desde 2005, é gerida pela Fundação Osesp.



CORO DA OSESP

Criado em 1994, o grupo aborda diferentes períodos e estilos, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros. Gravou álbuns pelo Selo Digital Osesp, Biscoito Fino e Naxos. Entre 1995 e 2015, teve Naomi Munakata como Coordenadora e Regente. De 2017 a 2019, a italiana Valentina Peleggi assumiu a regência, tendo William Coelho como Maestro Preparador — posição que ele mantém desde então. Em 2020, o Coro se apresentou no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, sob regência de Marin Alsop, repetindo o feito em 2021, em filme virtual com Yo-Yo Ma e artistas de outros sete países. Em 2022, fez turnê com a Osesp nos Estados Unidos, apresentando-se, novamente liderados por Alsop, no Music Center at Strathmore, em North Bethesda, e em dois concertos no Carnegie Hall, em Nova York. Na Temporada 2024, o grupo celebra seus 30 anos, com programação especial.



THIERRY FISCHER REGENTE

Desde 2020, Thierry Fischer é diretor musical da Osesp, cargo que também assumiu em setembro de 2022 na Orquestra Sinfônica de Castilla y León, na Espanha. De 2009 a junho de 2023, atuou como diretor artístico da Sinfônica de Utah, da qual se tornou diretor artístico emérito. Foi principal regente convidado da Filarmônica de Seul [2017-20] e regente titular (agora convidado honorário) da Filarmônica de Nagoya [2008-11]. Já regeu orquestras como a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, as Sinfônicas da BBC, de Boston e Cincinnati e a Orchestre de la Suisse Romande. Também esteve à frente de grupos como a Orquestra de Câmara da Europa, a London Sinfonietta e o Ensemble Intercontemporain. Thierry Fischer iniciou a carreira como Primeira Flauta em Hamburgo e na Ópera de Zurique. Gravou com a Sinfônica de Utah, pelo selo Hyperion, *Des Canyons aux Étoiles* [Dos cânions às estrelas], de Olivier Messiaen, selecionado pelo prêmio Gramophone 2023, na categoria orquestral. Na Temporada 2024, embarca junto à Osesp para uma turnê internacional em comemoração aos 70 anos da Orquestra.



SUSANNE BERNHARD SOPRANO

Formada pela Academia de Música de Munique, a soprano participou de inúmeras produções da Academia de Teatro da Baviera. Reconhecida como jovem talento por August Everding, fez sua estreia como “Susanna” em *As bodas de Fígaro*, de Mozart, no Prinzregententheater em Munique. Tornou-se membro do elenco na casa de ópera de Kiel e apareceu como convidada em várias casas de ópera, incluindo a Ópera de Frankfurt e a Semperoper de Dresden, assim como de destacadas orquestras pelo mundo, como a da Rádio de Munique, as Sinfônicas das Rádios Bávara e de Colônia, a Filarmônica Real de Liverpool e a própria Osesp. Colaborou com renomados maestros, como Enoch zu Guttenberg, Thomas Søndergård, Semyon Bychkov, Daniel Harding, Marin Alsop, Marcus Bosch e Michael Sanderling.



LUISA FRANCESCONI MEZZO SOPRANO

Eleita a melhor cantora lírica do ano pela mídia especializada em 2022 e 2018, Luisa Francesconi possui vasta experiência em palcos latino-americanos e europeus, como o Teatro Regio (Turim), o Teatro Massimo (Palermo), o Teatro Argentina (Roma), a Ópera de Maribor, o Teatro São Carlos (Lisboa) e praticamente todas as mais importantes salas de concerto brasileiras. Trabalhou com regentes como Evelino Pidò, Giampaolo Bisanti, Romano Gandolfi, Marin Alsop, Louis Langrée, Donato Renzetti, Heinz Hollinger e Julia Jones. Dentre os mais de 50 personagens de ópera que já interpretou, destacam-se Carmen de Bizet, Rosina (*O barbeiro de Sevilha*) de Rossini, Cherubino (*As bodas de Fígaro*) de Mozart, Dido (*Dido e Eneas*) de Purcell, Octavian (*O Cavaleiro da Rosa*) de Richard Strauss, além de vasto repertório de concerto. Em 2024, participa da gravação da *Segunda Sinfonia* de Mahler com a Osesp.



WERNER GÜRA TENOR

Nascido em Munique, Werner Gura estudou no Mozarteum de Salzburgo e com Kurt Widmer em Basileia, Margreet Honig em Amsterdam e Wessela Zlateva em Viena. Tornou-se membro da Ópera Semper em Dresden, em 1995, onde estreou inúmeros papéis de Mozart e Rossini. Apresenta-se regularmente nos principais palcos de concertos na Europa e nos EUA, como a Ópera Estatal de Berlim, a Ópera Nacional de Paris, o La Monnaie de Bruxelas, além do Wigmore Hall (Londres), do Concertgebouw (Amsterdam) e do Lincoln Center (Nova York). Recebeu, por suas gravações em CD, o “Diapason d’Or”, o “Editor’s Choice” (Revista *Gramophone*), o prêmio da BBC Music Magazine [2011] e o ECHO Klassik de 2012. Werner Gura leciona canto na Universidade de Música de Zurique desde 2009.



PAULO SZOT BARÍTONO

Paulo Szot nasceu em São Paulo. Estudou na Universidade Jaguelônica, na Polônia, país no qual começou a cantar profissionalmente em 1989, com a Companhia Nacional de Canções e Danças Slask, e em 1997 fez sua estreia operística como Fígaro em *O barbeiro de Sevilha*. Em 2008, Szot foi escalado como Emile De Becque na recriação da Broadway de *South Pacific*, no Lincoln Center Theatre, dirigido por Bartlett Sher. Por sua interpretação, recebeu o Tony Award, o Drama Desk, o Outer Critic’s Circle e o Theater World Awards, tornando-se um dos poucos atores a receber tais honras em sua estreia na Broadway. Apresentou-se com a Filarmônica de Nova York ao lado de Liza Minnelli, sob regência de Marvin Hamlisch, e fez sua estreia em 2010 no Carnegie Hall com a New York Pops em um programa de Lerner e Loewe com Kelli O’Hara. Retornou em 2013 à Filarmônica de Nova York para o concerto solo *Uma noite com Paulo Szot*, regido por Ted Sperling. Foi Artista em Residência da Osesp em 2019 e é colaborador frequente da Orquestra.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS
YURIY RAKEVICH SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS
ADRIAN PETRUTIU SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS
IGOR SARUDIANSKY CONCERTINO – PRIMEIROS VIOLINOS
MATTHEW THORPE CONCERTINO – SEGUNDOS VIOLINOS

ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSEY
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER SOLISTA | EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON CONCERTINO
PETER PAS CONCERTINO
ANDRÉ RODRIGUES
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV

VIOLONCELOS
KIM BAK DINITZEN*** SOLISTA
HELOISA MEIRELLES CONCERTINO
RODRIGO ANDRADE CONCERTINO
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES SOLISTA
PEDRO GADELHA SOLISTA
MARCO DELESTRE CONCERTINO
MAX EBERT FILHO CONCERTINO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO SOLISTA
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCADIO MINCZUK SOLISTA
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE-INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA
MARCELO VILARTA***

CLARINETES
OVANIR BUOSI SOLISTA
SÉRGIO BURGANI SOLISTA
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS REQUINTA
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO SOLISTA
JOSÉ ARION LIÑAREZ SOLISTA
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA SOLISTA
ANDRÉ GONÇALVES
DANIEL FILHO***
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DISSENHA SOLISTA
ANTONIO CARLOS LOPES JR.* SOLISTA
MARCOS MOTTA UTILITY
MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI SOLISTA
WAGNER POLISTCHUK SOLISTA
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO

DARRIN COLEMAN MILLING SOLISTA

TUBA

FILIPE QUEIRÓS SOLISTA

TÍMPANOS

ELIZABETH DEL GRANDE SOLISTA | EMÉRITA
RICARDO BOLOGNA SOLISTA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
RUBÉN ZÚÑIGA

HARPA

LIUBA KLEVTSOVA SOLISTA

TECLADO

OLGA KOPYLOVA SOLISTA

CONVIDADO DESTE PROGRAMA

FELIPE BERNARDO ÓRGÃO

* CARGO INTERINO

** ACADEMISTA DA OSESP

*** CARGO TEMPORÁRIO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA,
POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

CORO DA OSESP

MAESTRO PREPARADOR

WILLIAM COELHO

SOPRANOS

ANNA CAROLINA MOURA
ELIANE CHAGAS
ERIKA MUNIZ
FLÁVIA KELE DE SOUSA
GIULIA MOURA
JI SOOK CHANG
MARINA PEREIRA
NATÁLIA ÁUREA
REGIANE MARTINEZ MONITORA
ROXANA KOSTKA
VALQUÍRIA GOMES
VIVIANA CASAGRANDE

MEZZOS E CONTRALTOS

ANA GANZERT
CELY KOZUKI
CLARISSA CABRAL
CRISTIANE MINCZUK
FABIANA PORTAS
LÉA LACERDA
MARIA ANGÉLICA LEUTWILER
MARIA RAQUEL GABOARDI
MARIANA VALENÇA
MÔNICA WEBER BRONZATI
PATRÍCIA NACLE
SILVANA ROMANI
SOLANGE FERREIRA
VESNA BANKOVIC MONITORA

TENORES

ANDERSON LUIZ DE SOUSA
ERNANI MATHIAS ROSA
FÁBIO VIANNA PERES
JABEZ LIMA
JOCELYN MAROCCOLO
LUIZ EDUARDO GUIMARÃES
MIKAEL COUTINHO
ODORICO RAMOS
PAULO CERQUEIRA MONITOR
RÚBEN ARAÚJO

BARÍTONOS E BAIXOS

ALDO DUARTE
ERICK SOUZA
FERNANDO COUTINHO RAMOS
FLAVIO BORGES
FRANCISCO MEIRA
ISRAEL MASCARENHAS
JOÃO VITOR LADEIRA
LAERCIO RESENDE
MOISÉS TÉSSALO
SABAH TEIXEIRA MONITOR

PIANISTA CORREPETIDOR

FERNANDO TOMIMURA

CONVIDADOS DESTE PROGRAMA

JANAÍNA LEMOS SOPRANO
LYGIA POLIA SOPRANO
YOHANA GRANATTA SOPRANO
THAÍS AZEVEDO SOPRANO
EDILEUZA RIBEIRO CONTRALTO
NATHÁLIA CARVALHO CONTRALTO
DANIEL RANGEL TENOR
FELIPE DA PAZ TENOR
FELIPE VIDAL TENOR
MIQUEIAS PEREIRA TENOR
THIAGO COSTA TENOR
EDSON MARQUES BARÍTONO
EDUARDO FUJITA BARÍTONO
GUILHERME GIMENES BARÍTONO
KAIQUE STUMPF BARÍTONO
LUIS FIDELIS BARÍTONO
PAULO SANTOS BARÍTONO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA,
POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PEDRO PULLEN PARENTE PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI VICE-PRESIDENTE
ANA CARLA ABRÃO COSTA
CÉLIA KOCHEN PARNES
CLAUDIA NASCIMENTO
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
MÔNICA WALDVOGEL
NEY VASCONCELOS
PAULO CEZAR ARAGÃO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO

MARCELO LOPES

SUPERINTENDENTE GERAL

FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

MARIANA STANISCI

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

MARIANA GARCIA

ANALISTA DE PUBLICAÇÕES

JÉSSICA CRISTINA JARDIM

DESIGN

BERNARD BATISTA
LUIZA VASCONCELLOS
ANA CLARA BRAIT

+ WWW.FUNDAÇÃO-OSESP.ART.BR/EQUIPE

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR

TARCÍSIO DE FREITAS

VICE-GOVERNADOR

FELICIO RAMUTH

SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

SECRETÁRIA DE ESTADO

MARILIA MARTON

SECRETÁRIO EXECUTIVO

MARCELO HENRIQUE ASSIS

CHEFE DE GABINETE

DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO

DOS CONTRATOS DE GESTÃO
GISELA COLAÇO GERALDI

COORDENADOR DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL,

BIBLIOTECAS E LEITURA

ADRIANE FREITAG DAVID

Próximos Concertos

14, 15 E 16 DE MARÇO

ABERTURA DA TEMPORADA OSESP 2024

OSESP

THIERRY FISCHER REGENTE

WU WEI SHENG

ESTREIA LATINO-AMERICANA DE OBRAS DE JESSIE MONTGOMERY E UNSUK CHIN, ALÉM DA *SEGUNDA SINFONIA* DE BRAHMS.

17 DE MARÇO

CRISTIAN SANDU VIOLINO

GHEORGHE VOICU VIOLINO

DAVID MARQUES VIOLA

DOUGLAS KIER VIOLONCELO

WU WEI SHENG

RAFAEL BORGES AMARAL VIOLÃO

SORAYA LANDIM VIOLINO

ADRIANA HOLTZ VIOLONCELO

CLAUDIA NASCIMENTO FLAUTA

GIULIANO ROSAS CLARINETE

FERNANDO TOMIMURA PIANO

RICARDO BOLOGNA PERCUSSÃO

RUBÉN ZÚÑIGA PERCUSSÃO

OBRAS DE HAYDN, MARCOS BALTER, CLARICE ASSAD, STEVE REICH, VILLA-LOBOS, DAVID LANG E REINALDO MOYA, ALÉM DA ESTREIA MUNDIAL DE PEÇA DE RAFAEL AMARAL (ENCOMENDA OSESP).



AGENDA COMPLETA: WWW.OSESP.ART.BR/PROGRAMACAO

INGRESSOS: WWW.OSESP.ART.BR/INGRESSOS

Algumas dicas para aproveitar ainda mais a música



Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.



Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.



Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.



Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

Serviços



Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.



Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.



Loja Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção, infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.



Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos – mediante reserva pelo telefone **(11) 3325-9958**.

Acesso à Sala



Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.



Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.



Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em: www.salasaopaulo.art.br/servicos

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS, E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

| o | s | e | s | p |

OSESP DUAS E TRINTA

Embarque no fim de semana: concertos sexta à tarde na Sala São Paulo por R\$ 39,60.

Série com nove apresentações de março a dezembro
Ingressos em osesp.byinti.com

www.osesp.art.br

📷 @osesp_
📱 /osesp
📺 /videososesp
🎵 /@osesp
✂️ @osesp

www.salasaopaulo.art.br

📷 @salasaopaulo_
📱 /salasaopaulo
📺 /salasaopaulodigital
🎵 /@salasaopaulo

www.fundacao-osesp.art.br

📷 /company/fundacao-osesp/

P. 7 Osesp. © Mario Daloia

P. 8 Coro da Osesp. © Mario Daloia

P. 9 Coro Acadêmico da Osesp. © Laura Manfredini

P. 9 Thierry Fischer. © Marco Borggreve

P. 10 Susanne Bernhard. © Christine Schneider

P. 10 Luisa Francesconi. © Helena Mello

P. 11 Werner Güra. © Marie Capesius

P. 11 Paulo Szot. © Priscila Prade

A capa deste programa foi criada por uma ferramenta desenvolvida pelo estúdio Polar Ltda. especialmente para a Osesp. Ela traduz obras musicais em imagens, usando uma paleta de cores que ganharam nomes de emoções.

Nesta edição, as emoções são Energia e Leveza, a partir de um trecho da *Sinfonia nº 1* de Brahms.



Lei de
Incentivo
a Cultura
Lei Rouanet

o | s | e | s | p |

Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura

CULT
SP

SP

SÃO
PAULO
GOVERNO
DO ESTADO

Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO